

Introdução

A relação entre vida e literatura é um tema fundamental do *Livro do Desassossego*, texto em que, independentemente das suas variações editoriais, “vida” é a palavra mais recorrente.¹ A literatura é aí caracterizada como “a maneira mais agradável de ignorar a vida”, porque “simula a vida” e conta “uma história que nunca foi”.² Esta noção aponta para o questionamento de uma continuidade entre literatura e vida, na medida em que a primeira produz uma simulação que não narra o que na vida acontece. A literatura excede a vida, conta uma história que nunca aconteceu, cria enredos que não espelham uma realidade concreta, ainda que a simulem. Enquanto *telos*, “fim para que deveria tender todo o esforço humano”, como se lê noutro trecho do *Livro*, a literatura é definida como “realização sem a mácula da realidade”, superando assim a particularidade e falibilidade do real. Associada ao pensamento, a arte literária implica, segundo este mesmo trecho, uma conservação do universal no particular (“dizer uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror”), excedendo em intensidade e realidade o que a vida pode oferecer (“os campos são mais verdes no dizer-se que no seu verdor” / “não há nada de real na vida que o não seja porque se descreveu bem”).³

Se “a literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta”, como se lê em *Impermanence*,⁴ a obra literária prolonga a vida, apresentando-se como finalidade de uma vida à qual atribui sentido. Sobre a vida de Alberto Caeiro escreve Ricardo Reis que “não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar”, “seus poemas são o que houve nele de vida”.⁵ As personalidades de Caeiro, Reis e Campos são definidas pela obra que escrevem, surgindo a sua vida apenas como complemento. Testemunhos de quem viveu para a escrita, os textos de Pessoa transcendem qualquer relação imediata com a vida. Estes textos não reproduzem acontecimentos, mas fabricam conteúdos que se apresentam como pontos de partida para possíveis elos com o real. A obra pessoana não rejeita a relação com a vida, mas cria diferentes modalidades de com ela se relacionar a partir de uma realidade distinta – a literária.

¹ Veja-se o levantamento realizado por Diego Giménez das ocorrências deste termo, disponível em <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-vida>.

² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2011, p. 142-143.

³ *Ibid.*, p. 67.

⁴ Fernando Pessoa, *Heróstrato e a Busca da Imortalidade*, ed. Richard Zenith, trad. Manuela Rocha, Assírio & Alvim, 2000, p. 223.

⁵ Fernando Pessoa, *Obra completa de Ricardo Reis*, ed. Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe, Tinta-da-China, 2019, p. 290.

A interseção entre vida e obra manifesta-se em, pelo menos, três vertentes distintas, qualquer uma delas analisada nos artigos reunidos neste caderno, que dá continuidade ao foco proposto no número anterior. A primeira é a do gesto de publicação do autor, que, de acordo com o que propõe no seu último poema publicado, *Conselho*, tem por base a ideia de uma seleção apurada do que expõe ao mundo e de uma definição precisa dos moldes em que o faz. A segunda é a da intervenção pública, de índole crítica e sociopolítica, da qual não está ausente uma dimensão poética, performativa e provocatória. A terceira manifesta-se em textos de cariz biográfico por definição, como a sua correspondência, diários – alguns deles ficcionais, como o *Livro do Desassossego* ou *A Educação do Estóico* – ou apontamentos em que o literário se cruza com factos concretos da vida, como sejam a relação amorosa com Ofélia Queiroz, o desempenho de tarefas profissionais ou a dedicação a projetos de estudo, leitura e escrita.

Em “A performance de um agitador intelectual: intervenções crítico-teóricas de Pessoa”, Caio Gagliardi analisa três momentos fundamentais da intervenção sociopolítica de Pessoa: os textos sobre “A nova poesia portuguesa” (1912), o artigo “O provincianismo português” (1928) e o opúsculo “O interregno – defesa e justificação da ditadura militar em Portugal” (1928). Nestes três momentos de intervenção pública, fortemente polémica, Gagliardi identifica um jogo de representação e de encenação pública controverso, cuja intenção não corresponde a um conteúdo imediatamente perceptível. Este jogo tem por base, de acordo com a sua análise, um cunho performativo e irónico, que em diversos momentos caracteriza o gesto de publicação pessoano.

No artigo intitulado “*From storms we learn*”, Joana Matos Frias explora uma conjugação particular entre o trabalho compositivo de Pessoa para o *Livro do Desassossego*, incluindo as reflexões sobre meteorologia que o dito “livro” contém, e o interesse do autor por traduzir *The Tempest*, de William Shakespeare. Na sua argumentação, o fascínio pela capacidade geradora das nuvens e de certos estados atmosféricos torna-se material para a figuração de uma “imagem sinóptica” do poeta enquanto “climas”, em diferentes instâncias da sua obra: desde “O Marinheiro” e a “Ode Marítima” de Campos até *Mensagem*, passando pelos “35 Sonnets”.

Fernando Cabral Martins examina diversas modalidades da interseção entre vida e obra, ou entre realidade e ficção, no que diz respeito à figura de Fernando Pessoa, enquanto personalidade dotada de uma biografia, autor da totalidade da obra, incluindo a literatura atribuída a heterónimos,



e poeta ortónimo. Comentando diversas passagens que apontam para possíveis definições do seu estatuto e das suas características, Cabral Martins aponta para a persistente coincidência e descoincidência entre o autor da literatura heteronímica e o poeta ortónimo. Concluindo que esta diferença se esvanece no plano textual, não existindo lugar que se pudesse considerar exterior à criação heteronímica, o seu ensaio aponta para a noção de um autor absoluto, cuja presença se distribui por diversos estatutos assumidos por esta figura, designada pelo nome Fernando Pessoa.

Relacionando textos de índole literária e sociopolítica, com particular enfoque no *Livro do Desassossego*, Rui Sousa propõe repensar o conceito de estilo em Pessoa a partir da conceção de liberdade individual proposta pelo poeta. Alargando esta noção de estilo para lá do âmbito literário e estético, Sousa aproxima-o da ideia pessoana de uma superioridade cultural alcançada a partir de uma expressão da personalidade individual liberta das normas convencionais. O estilo vê-se deste modo associado também ao contexto cultural convocado em cada momento de escrita, o que permite concebê-lo como elemento fundamental do pendor interventivo dos textos pessoanos.

No artigo de Teresa Líbano Monteiro, a análise minuciosa do poema pessoano “Liberdade”, cujo tom desenfadado poderia sugerir um certo afastamento de qualquer tipo de contexto ou experiência particular, revela uma estreita relação entre a crítica contextual e o aproveitamento de um modelo estético. Na análise, um poema de um dos mais importantes precursores da obra pessoana, William Wordsworth, é posto ao serviço da encenação do protesto contra a então emergente ditadura de Salazar e a sua censura, que afetava diretamente a vida de Fernando Pessoa.

Finalmente, Gustavo Rubim recupera o conceito de “*kitsch*”, veiculado por Clement Greenberg, propondo uma leitura das “retóricas do falhanço” como motivo recorrente na textura ficcional da obra do Barão de Teive. Este exercício de atenciosa recolha de *clichés* leva o crítico a identificar em *A Educação do Estóico* um compósito revisionista da escrita pessoana, na sua maturidade autoconsciente, que é ao mesmo tempo celebração e paródia da condição do génio.

Os artigos deste número propõem a revisão de algumas peças ou conjuntos textuais da obra pessoana, revelando as suas relações com um percurso vital plasmado na escrita. A vida de Pessoa não é meramente reproduzida nos seus textos; é a partir destes que ela se constitui em moldes literários. O interesse da crítica em voltar, uma e outra vez, a rever a trajetória que essas peças,



colocadas ao lado umas das outras, desenham, atualiza o testemunho de uma obra que prolonga a vida e lhe atribui sentido.

Pedro Sepúlveda e Jorge Uribe
Universidade Nova de Lisboa e Universidad EAFTT

